

## Artigos Originais

### ONCOTÔ? PRONCOVÔ?<sup>1</sup> ANOTAÇÕES PARA ATRAVESSAR A PANDEMIA

#### Original Articles

### ONCOTÔ? PRONCOVÔ? NOTES TO GO THROUGH THE PANDEMIC

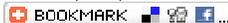
Nestor Reinoldo Müller\*

[nestor.muller@ifsp.edu.br](mailto:nestor.muller@ifsp.edu.br)

<http://lattes.cnpq.br/7145572432457857>



CAMINE: Cam. Educ. = CAMINE: Ways Educ., Franca, SP, Brasil - eISSN 2175-4217  
- está licenciada sob [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)



#### RESUMO

Este depoimento, dirigido a docentes de todos os níveis, apresenta uma série de escutas, leituras e reflexões buscando um quadro de compreensão mais abrangente da situação anômala em que fomos mergulhados pela pandemia do COVID 19. Oferece, também, uma proposta de orientação fundamental para o futuro de nosso trabalho educativo, na realidade multicultural de nossa época. O texto se inspira, sobretudo, no projeto dialógico do esperar de Paulo Freire, e nos trabalhos transdisciplinares de Ubiratan D'Ambrosio, atento à visão que Boaventura de Souza Santos descortina nas epistemologias do sul, as quais se abrem para o vasto campo da decolonialidade. As reflexões aqui esboçadas expressam estudos e projetos realizados em vários ambientes, durante décadas de prática docente, decantados em ciclos recorrentes de ação-reflexão. Seu contexto imediato é a conversação com diversos grupos de colegas e amigos docentes, e a interação constante com turmas discentes. Explorando algumas vertentes da obra dos autores citados, herdeiros de uma fecunda linhagem de pensadores que se prolonga e diversifica em nossos dias, o texto compartilha

<sup>1</sup> Expressões da linguagem popular do sertão de Minas Gerais e Goiás. “Onqotô”, “Pronqovô”, “Quemqosô” foram títulos de coreografias de Rodrigo Pederneiras para o grupo Corpo, em 2005. Com nova grafia, têm sido usadas em várias obras de teatro e música.

\* Mestre (2012) e Doutor (2019) em Filosofia pela UFSCar, licenciado em Filosofia (2005) pelo Centro Universitário Claretiano de Batatais, e bacharel em Teologia (2003) pelo Instituto Teológico Pio XI da UNISAL. Professor efetivo do Instituto Federal de São Paulo, Câmpus Araraquara. Foi professor de Filosofia na E. E. Otoniel Mota em Ribeirão Preto/SP, professor de Criatividade na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) em São Paulo, e professor de Filosofia nas Universidades de Franca/SP (UNIFRAN) e de Ribeirão Preto/SP (UNAERP).

um exercício didático de sulear. Para isso abraça ensinamentos presentes na vida dos povos tradicionais da América Latina e do Brasil, nossos ancestrais indígenas e afro-brasileiros, capazes de orientar mudanças adequadas ao enfrentamento dos atuais desafios planetários.

**Palavras-chave:** dialogia. transdisciplinaridade. decolonialidade. reciprocidade.

### **ABSTRACT**

This testimony, addressed to teachers of all levels, presents a series of listening, reading and reflections seeking a more comprehensive picture of the anomalous situation in which we were plunged by the pandemic of Covid-19. It also offers a proposal for guidance for the future of our educational work. The text is inspired, above all, by the dialogical project of Paulo Freire, and by the transdisciplinary works of Ubiratan D'Ambrosio, attentive to the vision that Boaventura de Souza Santos reveals in the southern epistemologies, which open to the vast field of decoloniality. The reflections outlined here express studies and projects carried out in various environments, during decades of teaching practice, decanted in recurrent cycles of action-reflection. Its immediate context is the conversation with friends and fellow teachers, and constant interaction with student classes. Exploring some slopes indicated by the cited authors, heirs of a fruitful lineage of thinkers that extends and diversifies in our day, the text wants to share an exercise of "sulear". For this, it includes an example of didactic text, and embraces relevant teachings pointing to fundamental attitudes of the traditional peoples of Latin America and Brazil, our ancestors Indigenous and Afro-Brazilians, capable of guiding appropriate changes to face the current planetary challenges.

**Keywords:** dialogy. transdisciplinarity. decoloniality. reciprocity.

### **INTRODUÇÃO**

O fato é que você, leitor(a), está começando a seguir com seus olhos estes risquinhos que um lastro comum entre nós (você, eu, outros) denomina de "texto", um tecido de letras, costurando fios de palavras. Conforme o antigo hábito da fala e da escrita, constituem o chão comum da linguagem que conhecemos. O fato é que seguindo a linha das palavras aqui sendo fiadas você - leitor(a) - forma, aí no seu tempo e no seu ambiente, pensamentos semelhantes aos que eu - escrevinhador - estou formando e desfiando aqui no meu agora e nas minhas circunstâncias. Assim estamos iniciando uma parceria para seguir uma trilha compartilhada de pensamentos. E você sabe que muitas pessoas passam pela mesma experiência que estamos vivenciando.

São fatos recíprocos: comungamos alguns léxicos, habilidades, preocupações, esforços, conjunturas do campo educacional, em um tempo de duros conflitos. Faço votos de que você esteja bem, e que este início consiga completar seu ciclo, sua ronda circular, desenovelando o princípio da reciprocidade, afirmando-o como ingrediente imprescindível no encaminhamento de nossos atuais desafios educacionais.

Quem aqui tece-escreve é um professor do ensino médio e superior. O que molda este tapete de ideias é o trabalho de dezenas de colegas professoras(es), e de centenas de estudantes da minha escola. E - ali adiante - de milhares de docentes e discentes em muitas outras escolas vivendo, juntos, um fato especialíssimo.

Esse vírus chegou como que de repente<sup>2</sup> e impôs logo seu jugo massivo, paralisante. Em março de 2020 muitos de nós pensamos que seria mais ou menos como outro evento de saúde coletiva, a gripe H1N1 que interrompeu a vida escolar durante algumas semanas em 2009. Mas agora o regime de pandemia já se estende por 23 meses neste nosso arrasado Brasil, no bojo de tragédias sobrepostas.

O que trago (do verbo “trazer”, em súbita-involuntária homofonia com o substantivo grego “trágos”, raiz de “tragédia”) ao debate são algumas escutas, leituras, e reflexões, uma colcha de retalhos. Pois é necessário, sim, a cada um de nós, professores(as), sermos reflexivos e compartilharmos as forças, respondendo uns aos outros, ousando expressar nossas próprias agendas, resenhas, intuições. A questão é como aprender com esta crise, como vivê-la com a clareza e a disposição suficientes para insistir em mudar o que precisa ser mudado. Pois toda crise, conforme a origem da palavra, é a ocasião de escolhas.

---

<sup>2</sup> Porém cinco anos antes, em 2015, Bill Gates havia afirmado publicamente que a próxima catástrofe mundial seria uma pandemia virótica, e elencou medidas para lidar com sua irrupção. Ele havia acompanhado os surtos de Ebola na fronteira entre Guiné, Serra Leoa e Libéria. Milhares de vidas teriam sido salvas se ele tivesse sido mais bem escutado. Merece ser vista sua fala de apenas oito minutos e meio (GATES, 2015).

## **ONCOTÔ?**

### **AQUI AO MEU LADO**

Ouço colegas. A maioria trabalha mais do que oito horas diárias tentando dar conta de preparar materiais virtuais assíncronos, oferecer aulas e plantões síncronos, dominar vários novos programas digitais, tentar a imponderável avaliação - na obtusa tela do computador - das tarefas escolares, discutir mudanças que vêm ocorrendo nas determinações legais, canalizar a indignação com pressões desmedidas, manter moral elevada no ambiente insalubre que se instalou no país, e em meio a sofrimentos obscuros dos alunos. Entre nós, docentes, não é a maioria que conseguiu sempre manter rendimento estável em condições saudáveis. Vários colegas, principalmente as mulheres com filhos pequenos, viveram ou vivem situação de longa estafa, à beira da depressão, recorrendo a remédios ocasionais. Alguns precisaram de afastamentos médicos temporários.

A aflição maior é a falta de contato com os alunos. Poucos entre estes conseguem interagir de modo aberto, envolvente. Alguns não têm nem condições materiais ou técnicas de realizar um aprendizado significativo. A maioria responde de um modo que não nos permite acompanhamento efetivo, deixando-nos num escuro incerto e opressivo.

Ouço estudantes. Suas frases curtas são expressivas: tô atrapalhado, na corrida, tentando fazer o que posso, é uma zona, um caos, uma doidera, tá difícil, não aguento mais. Eles tentam resistir, vivendo ou sabendo de lutos e carências, tendo notícia de colegas que paralisaram seus estudos. Alguns poucos brilham por iniciativas em fomentar a comunicação mútua, ou mesmo em ajudar colegas.

### **ALI POR PERTO**

Leio depoimentos e relatórios. Seleciono dois entre dezenas.

A professora Akemi Takahashi (2021), da rede pública municipal de Belo Horizonte, expressa a angústia de muitos colegas, ao falar da perplexidade com

as condições impostas pela Pandemia, nas quais a mera sobrevivência já é uma vitória. “Tiraram nosso chão [...]”, escreve ela, o chão do contato vivo com as pessoas, pois as novas ferramentas tecnológicas não permitem entender as reais necessidades, humanas, de docentes e discentes. Nesse quadro doloroso e cruel a professora expressa sua disposição de resiliência, alimentada pela atitude do esperar, ensinada por Paulo Freire (1992, 1996).

A professora Luana Tolentino (2021), atuante na formação inicial e continuada de professores, escreve que a pandemia abriu “[...] um abismo profundo se abre na educação, penalizando sobretudo os mais pobres.” Para estes, o futuro foi roubado. E para os professores das escolas públicas a carga de trabalho se multiplicou, invadindo suas casas, implodindo as rotinas, causando doenças emocionais graves. A falta de uma política nacional de educação para a pandemia fez com que os educadores se sentissem solitários e perdidos. Cada instituição procurou administrar como pôde a atual conjuntura pedagógica. Em geral o ônus recai, em sua maior parte, sobre nossos ombros fatigados. Por exemplo, enquanto tentativas de reabertura das escolas no Estado de São Paulo causaram cerca de 20 mortes de professores em um mês, autoridades federais emitiam declarações levianas e cínicas, numa irresponsabilidade criminosa.

O terreno em que estamos pisando é descrito de modo mais amplo pelo infectologista Dirceu Greco, atual membro da Comissão Internacional de Bioética da UNESCO. Em palestra para o Instituto de Estudos Avançados em Transdisciplinaridade da UFMG, Greco<sup>3</sup> (2021), resumiu dados consistentes concluindo com a afirmação de que a pandemia escancarou e intensificou as desgraças que já estávamos vivendo em nosso país. Então estamos “[...] em luto, na luta” (GRECO, 2021). Luto pelas centenas de milhares de mortes que poderiam ter sido evitadas se houvesse estratégias e políticas nacionais consistentes. Luta na resistência dos bastiões de dignidade, e na dureza de trabalhos vinculados aos direitos humanos, ao bem comum, e à educação, os quais teimam em se manter firmes num ambiente de terra arrasada. Entretanto,

---

<sup>3</sup> Aula proferida para a disciplina Tópicos em Estudos Transdisciplinares.

é esse luto soturno e essa luta espaiada que tensionam todo o sofrimento que podemos constatar ao nosso lado e ali por perto.

Vários organismos produziram estudos sobre as condições de vida dos professores durante a pandemia, os quais revelam os números confirmando o quadro que, enfim, todos conhecemos por experiência própria.

## **OLHANDO MAIS LONGE**

No horizonte que se abre aqui onde estou, ou aí onde você está, em nosso ambiente de vida e trabalho, mostram-se sinais e perspectivas que ampliam nossa visão de conjunto acerca da “luta” referida por Greco (2021).

PRIMEIRO: não existe mais o “normal” de antes. Aquela mistura de esforços com procedimentos “normais”, em realidade infectados de normoses e anomalias, não vai voltar igual. Como se desenha, então, o período vindouro? Se nos mantermos apáticos, vamos ser invadidos por medidas neoliberais. Porém se nos juntarmos para trocar ideias e firmar alguns pontos saudáveis, podemos defender algumas mudanças a nosso favor, quer dizer a favor da comunidade educativa real.

E aqui temos uma primeira opção crucial. Vamos aceitar que mudem apenas algumas rotinas - maior incidência de recursos virtuais, maior uso de métodos ativos, etc - mantendo as mesmas estruturas esgotadas da nossa vida escolar? Ou vamos honrar a experiência momentosa, tremenda, destes dois anos, e fazer um pouco do que sonhamos, um pouco do que intimamente sabemos, inspirados por inovações pedagógicas já bem divulgadas: mudar a nós mesmos, conversar mais com os colegas e alunos, firmar propostas criativas nas quais acreditamos?

Sem dúvida a pergunta - oncotô, proncovô - só tem sentido se cai sobre mim, que aqui continuo a anotar meus sentimentos e pensamentos, e sobre você, leitor(a) que sustenta me acompanhar<sup>4</sup>. Sim, podemos suspender a leitura por alguns instantes, e encarar o que de fato sentimos, o que queremos, e o que

---

<sup>4</sup> Conforme os versos do poeta, e herói da Resistência à invasão nazista, René Char: “*Salut à celui qui marche en sûreté à mes côtés, au terme du poème. Il passera demain DEBOUT sous le vent.*” Tradução nossa: “Saúdo esse que caminha, seguro, ao meu lado, até o termo do poema. Ele passará, amanhã, ERGUIDO, sob a ventania.” (apud MARTEAU, 1968, p. 38).

podemos mudar. Faço isso agora mesmo, junto com você. Amadurecer o autoconhecimento, a autonomia e o diálogo, esse é o pivô de todo bom amadurecimento, e é caminho de vida inteira, porque encarar a pergunta oncotô, proncovô, se enraíza na pergunta quemcosô.

A partir dessa tomada de posição, outros quatro fatores mostram sua força.

SEGUNDO: o quadro institucional de nosso país (multidão de adjetivos não lhe bastam) vai mudar. Atitudes de resistência aos piores absurdos das atuais políticas educacionais-culturais têm sido tomadas e precisam ser mantidas. Mais empenho nas ações coletivas é demandado. Afinal um novo governo virá, e se formos coerentes contará com melhores gestores. Sem detalhar os aspectos políticos de nossa profissão e de nossa vida, insisto que são imprescindíveis no dia-a-dia da cidadania e da docência. Todas as possíveis mudanças passam por aí. Tomara que você se articule com os colegas, com grupos, com seu sindicato, para levar isso adiante.

TERCEIRO (levantando os olhos para o horizonte planetário): é insuportável a desigualdade social em que vivemos, assistindo a seu escandaloso crescimento.

Reflexão básica: hoje não haveria como aceitarmos o que há 140 anos atrás era corrente entre nós: a escravidão dos negros. Daqui a alguns anos não se aceitará mais o que hoje é corrente entre nós: conviver com pessoas em estado de miséria. Poucos países europeus ou asiáticos alcançaram esse estágio. Por outro lado, essa disparidade não faz parte dos costumes de quilombos e aldeias indígenas.

Há uma responsabilidade escolar neste tema. Muitas aulas se tornam submissas à ideologia elitista, ou se tornam hipócritas, se a consciência dessa doença que é a desigualdade social não permear nossas aulas. E se não tivermos projetos didáticos que tanto incluam realidades em geral ocultas (como a sangria da submissão a uma dívida externa não auditada, ou do perdão a dívidas públicas de empresas multimilionárias), quanto estimulem ações de solidariedade. O que traz aprendizado é o contato vivo com pessoas em situação de carência, e a gratificação de participar de uma equipe que alcança algum fruto significativo, por mais ínfimo que pareça. Para isso precisamos

ganhar conhecimento de novos modelos econômicos: Paul Singer (2002) ou Kate Raworth (2019) são exemplos iniciais. E conhecer os relatórios da Oxfam (2021).

QUARTO: Temos de conhecer cada vez melhor a manipulação do comportamento mediante o controle de dados na Internet. Esse foi o tema da redação do Enem em 2018. Depois a questão se avolumou. “Pós-verdade” (*post-truth*) havia sido a palavra do ano em 2016, no dicionário Oxford. Quer dizer, emoções e crenças pessoais que distorcem a realidade se tornam mais importantes na opinião pública (delineando a agenda coletiva, definindo a pauta de muitos políticos, decidindo eleições) do que os próprios fatos objetivos. Hoje, em janeiro de 2022, trinta milhões de norte-americanos acreditam que Donald Trump venceu as últimas eleições, roubadas pelo partido contrário: continuam aprisionados em redes de mentiras, sem saber de mais nada. Tais práticas têm se ampliado, por exemplo, quanto à natureza e ao tratamento do Covid-19, o que abriu brecha para centenas de milhares de óbitos que poderiam ter sido evitados. Estamos em meio a uma pandemia de *fake news*. Sem dúvida cabe a nós, educadores, participar no trabalho de ir desmontando algumas dessas redes intrincadas, desnudando ao menos alguns desses algoritmos mastodônticos. Eles ameaçam não apenas a liberdade, mas toda a qualidade de nossa vida, pois exercem controle sobre as informações, os conhecimentos, os desejos, os destinos. Impedem a sabedoria. Temos muito o que compartilhar no aprendizado de como lidar com essa catástrofe cultural. Ver os filmes e documentários “*Snowden*” de Oliver Stone (2016), “*Privacidade hackeada*” de Jhane Noujan e Karin Amer (2019), “*Coded Bias*” de Shalini Kantayye, ou “*Dilema das Redes*” de Jeff Orlowski (2020).

QUINTO: algumas coisas têm que mudar, diante da urgência ecológica. Vários aspectos específicos do aquecimento planetário estão suficientemente divulgados. Muitos se referem ao nosso cotidiano. E como é difícil nós mesmos mudarmos nossos hábitos diários (como a cerveja que entrega dinheiro para grandes empresas que nos vampirizam)! Porém é preciso alcançar, mais fundo, o modo como visualizamos e entendemos o nosso pertencimento à Natureza da vida neste planeta. O modo como sobrevive em nós, feito verme parasita, toda

uma mentalidade que se entranhou em nossa cultura, desde as sobras do Renascimento europeu que chegaram a nossas terras.

Temos de avançar no desmonte desses modelos, reformando nossa compreensão sobre várias causas e implicações dos atuais desafios ambientais, e mais radicalmente nossa compreensão do que seja essa tal de Natureza, como veremos adiante.

Isso não se faz da noite para o dia. Passa por nos reunirmos para incluir em todas as disciplinas e todos os nossos projetos escolares a investigação da consciência ecológica, nossa e de nossos alunos. Porque eles - que irão enfrentar os piores cataclismas, e sabem disso - terão que se virar com as disposições e esclarecimentos que nossas atitudes ensinam, agora. Não é preciso insistir que as mudanças, aqui, não são opcionais, pois simplesmente estão ocorrendo, decepando vidas, e vão continuar a ocorrer, vão ocorrer na forma que conseguirmos, coletivamente, administrar.

## **PRONCOVÔ**

A pergunta sugere uma pausa no caminho de alguém um tanto perdido, estonteado, como de fato a pandemia nos deixou. Pausa necessária: temos que traçar metas para não nos desviar muito, ou poder voltar quando escorregamos. Pausa recorrente: é preciso reavaliar o quadro geral após cada batalha de uma guerra, ou cada confronto dentro de uma batalha. Pausa orgânica: agir e refletir compõe um ciclo que corresponde aos ritmos todos da natureza; os gregos usavam a palavra “práxis” para o exercício firme dessa insistência. Pausa não demorada: continuamos a ser empurrados por uma multidão de urgências.

## **CAMINHOS A REITERAR**

Dentro do horizonte que nos cerca há dois largos caminhos que nos levam adiante, práticas que são essenciais e bastante noticiadas, mas cujo efetivo exercício ainda é realizado por poucos grupos pioneiros, capazes de abrir inovações mais consistentes.

Um é o PRINCÍPIO DIALÓGICO. Trata-se de retomar, pela ação-reflexão, os ensinamentos de uma vasta gama de autores que desde a Antiguidade vivenciaram a importância de formar um ambiente investigativo e respeitoso, simples e sincero ao escutar os outros, ao expor o que se pensa, e ao debater as ideias visando esclarecer e aprender em vez de querer vencer. Isso desafia nosso comodismo, inspira muito aprendizado, consolida equipes. Essa tradição deságua em Martin Buber (1982), em Michail Bakhtin (MARCHEZAN, 2006), em Paulo Freire (1992, 1996) e, Freire e Shor (1987), entre tantos outros pensadores que alimentaram nossa formação.

Porém nossa prática sofre a tendência atávica de repetir, até inconscientemente, as maneiras com que nossos professores se relacionaram conosco, desde os primeiros anos escolares. Deles recebemos marcas profundamente introjetadas, padrões de comportamento que conservaram uma certa hegemonia da docência. Assim fica escamoteado o fato de que no coração da escola, enfim, estão os alunos, dotados de potente criatividade, e o aprendizado. Como romper tais costumes que ainda são pilares de nossas instituições concretas, embora negados nos discursos? Como deixar crescer na prática o fato de que nestes tempos de rápidas e radicais mudanças todos nós, professores e alunos, precisamos aprender constantemente não só novas tecnologias mas sobretudo novos conceitos e atitudes?

Não há receitas, mas sem dúvida - pois toda mudança começa quando me ponho a conversar - alguns elementos entram em jogo: reconhecer os momentos em que fico confuso, enleado em antigas convenções; chegar mais perto das pessoas, colegas, alunos, servidores, auxiliares, pais e responsáveis; engatar diálogos significativos; acolher o outro e me expor; ousar propor novidades e apoiar a coragem de quem as propõe.

As obras dos autores que nos inspiram precisam ser alimento constantemente retomado. Sua digestão se faz explorando ações que testam as implicações concretas da teoria, no ambiente real em que vivemos. E ao seu lado podemos ajuntar os ensinamentos de outras tradições, seja algumas em que a experiência dialógica nem se explicita, por ser intrínseca em seus costumes ágrafos, seja algumas (indianas, budistas, sufis e outras) em que ela se expressa com outros conceitos.

Outro caminho é a INTERDISCIPLINARIDADE e a TRANSDISCIPLINARIDADE. Frase muito citada de Ivani Fazenda (2013) diz que elas não se aprendem. É um bom paradoxo! Pois de fato não são uma espécie de equação cuja fórmula pode ser aplicada com sucesso, mas sim uma prática que sempre precisa ser retomada desde o início. Sendo ações vivas e complexas de uma equipe, exigindo empenho corporal, emocional, mental e espiritual, nunca chegamos a “aprendê-las” suficientemente. São uma arte, um processo que podemos olhar de longe (portanto delas nada sabemos) ou cursar de fato, e neste caso estaremos sempre em movimento.

Nossa estrutura escolar em geral se aferra ao que parecem ser nítidas divisões entre as disciplinas. Fomos educados por esse modelo (salvo raras iniciativas de alguém que fez exceção), bem articulado ao paradigma mecanicista da modernidade europeia, bem entrosado com a hegemonia do ensinar sobre o aprender.

Nestes quinhentos e tantos anos em que esse paradigma invadiu, cerceou e destruiu outras culturas, fomos perdendo o senso de como a divisão do conhecimento em disciplinas separadas é artificial. Ela atende a certas necessidades da sofisticação científica, mas o modo como tem sido praticada criou deformidades monstruosas. Pois ela atende sobretudo a um controle ideológico que provocou a fragmentação de nossas mentes, a unilateralidade de nosso entendimento. Isso se tornou uma patologia epistemológica (D’AMBROSIO, 2012) Como se ética, por exemplo, pudesse ser algo à parte dos propósitos empresariais eficientes. Como se arte, por exemplo, fosse um divertimento e não um poderoso modo de conhecimento.

Entretanto, essa divisão é parte íntima dos tremendos impasses em que estamos hoje metidos. E com certeza não temos como entender esses desafios, não temos como lidar com eles, sem aprender logo a trabalhar em equipes inter ou transdisciplinares. Aliás, a própria noção de transdisciplinaridade, intuída por Jean Piaget em 1970 após décadas de prática interdisciplinar, só assumiu ressonância quando foi necessário entender as complexas questões sócio-político-econômicas da sustentabilidade e do aquecimento global (BERNSTEIN, 2015). Coube à UNESCO promover uma série de encontros - Ubiratan

D'Ambrosio lá estava - que alcançaram a redação da "Carta da Transdisciplinaridade" em 1994 (FREITAS; MORIN; NICOLESCU, 1994).

Então é hora de pressionar para que haja horários adequados às reuniões em que professores e alunos possam concertar projetos pertinentes a tudo isso, guiados pelo princípio do diálogo.

## **UMA DIREÇÃO ESTRATÉGICA**

Mesmo trilhando de novo, e de novo, os caminhos acima lembrados, é preciso perguntar para onde eles se dirigem. Em nossa realidade multicultural não se sustenta mais a ideia de uma única direção válida. Contudo, cada um de nós precisa decidir, em parceria com um grupo, a orientação estratégica de suas iniciativas.

Unindo e articulando todos os ingredientes acima esboçados, minha proposta se dirige para a valorização das sabedorias mais antigas. Acredito que - contando com os conhecimentos e técnicas hoje disponíveis - precisamos reconhecer aquilo que a humanidade sabia antes da experiência europeia dos últimos séculos. Essa orientação pode ser introduzida didaticamente pelo conceito de SULEAR.

Sulear é coisa de gente que sofreu e sofre com os resquícios da colonização, mas sente a necessidade de se livrar dessas malhas, sente o gosto de cultivar as imensas qualidades das culturas ancestrais. Sulear esteve visceralmente imbricado em diversas iniciativas de pessoas e grupos que desde o século XVI resistiram frontalmente à conquista europeia, como Bartolomeu de Las Casas. Sulear é reconhecer o freio dos modelos mentais europeu-norte-americanos sobre as culturas mais antigas que resistem com seus outros modelos, maravilhosos, como o faz a etnomatemática de Ubiratan D'Ambrosio (2009). Sulear não significa desvalorizar o que na ciência e técnica ocidentais é de boa substância, mas perceber que outros mundos são possíveis, belos e férteis, e dar-lhes espaço. Porque nesta hora planetária sua contribuição é imprescindível.

A palavra *sulear* foi usada, pela primeira vez, em 1991 (CAMPOS, 1991). Mas há todo um leque de pioneiros e pósteros. Oswald de Andrade foi um dos que intuíram seu núcleo; Franz Fanon um dos que desvendaram suas implicações; Carolina de Jesus uma das que revelaram suas entranhas; João Guimarães Rosa um dos que deram voz mais ampla às suas veredas. Enrique Dussel é um dos que mapeiam a sua história, Eduardo Viveiros de Castro um dos que escavam seus tesouros. São nomes à guisa de ilustração, deixando de lado outros igualmente importantes. Uma lista mais justa ocuparia páginas.

Vou agora romper o formato convencional de artigos acadêmicos para incluir um texto didático que preparei para o primeiro ano do ensino médio. Nele as bases desse conceito - *sulear* - são colocadas de modo mais simples. A presença desse texto também constitui, com humildade, o compartilhamento de uma experiência didática.

## **PRIMEIRA AULA**

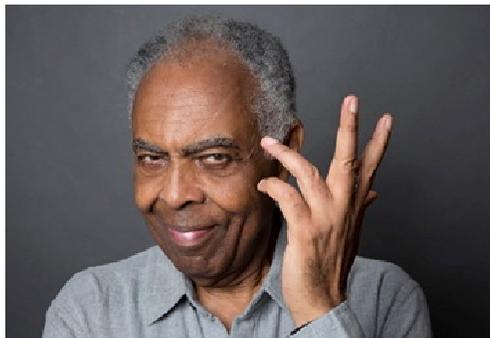
A primeira aula situou-se no contexto da Semana da Consciência Negra e da Diversidade do ano de 2021. Escrevi aos meus alunos mais ou menos o seguinte:

Há muitas maneiras de olhar para as tradições afro-brasileiras e indígenas. Uma delas é falar de uma noção básica no tapete de ideias da diversidade: a noção de *SULEAR*. Este é um verbo que ainda não consta nos dicionários, mas logo, logo, vai constar. Muitos autores já a usaram e existe uma revista da UEMG com esse título, desde o ano de 2018.

Começo com a música “Oriente” de Gilberto Gil. Diz assim:

Se oriente, rapaz  
Pela constelação do Cruzeiro do Sul  
Se oriente, rapaz  
Pela constatação de que a aranha  
Vive do que tece  
Vê se não se esquece  
Pela simples razão de que tudo merece  
Consideração (ORIENTE..., 2012).

### Ilustração 1 - Gilberto Gil



Fonte: Licory (2018).

A letra inicia com um verbo importantíssimo: orientar-se. E não é trivial a referência ao Cruzeiro do Sul. Para poder dar a consideração que isso merece, vamos precisar de duas aulas. Porque se trata de uma noção de raiz, que traz mudanças radicais. Não adianta ser superficial. Nesta aula vamos tratar dos fatos de nossa orientação geográfica e de como isso cria conceitos. Na próxima aula vamos considerar as consequências que precisamos extrair desses fatos.

### O QUE SIGNIFICA ORIENTAÇÃO

A palavra “orientação” vem do verbo latino “oriri”, que significa levantar-se, surgir, nascer. Logo foi empregada sobretudo para os astros: o nascer do sol, da lua, das estrelas. Da mesma raiz vem o substantivo “origo”, que significa a origem. Então “orientis” passou a significar a região onde o sol nasce, também chamada de “levante”, ou “nascente”. Ou, ainda mais tarde, de “leste”. Orientar-se significa, originalmente, voltar-se para o Oriente. Um dos costumes medievais que influíram na ampliação do significado de “orientação” foi o seguinte. Durante muitos séculos, as igrejas que estavam para ser construídas foram “orientadas”. Isso significava começar prestando atenção ao nascer do sol no dia da festa daquela igreja.

## Ilustração 2 - Nascer do Sol



**Fonte:** Borba (2020).

Por exemplo, se fosse uma igreja dedicada a São José, o arquiteto e a comunidade observavam o ponto em que o sol nasce no dia 19 de março, dia de São José, e imediatamente marcavam no terreno os contornos da construção. Com esse procedimento, as portas da futura Igreja estariam voltadas precisamente para aquele ponto do nascer do sol. Quer dizer: no dia de São José o sol iria aparecer diante da porta principal, e os primeiros raios matutinos, alinhados com a nave do templo, iriam iluminar o altar principal daquela igreja. Dizia-se, então, que aquela igreja estava bem orientada.

Na verdade, muitas construções e aldeias antigas se organizaram observando o lado do alvorecer. Um exemplo bem conhecido é o das pedras de Stonehenge, erguidas em torno da marcação do solstício de inverno.

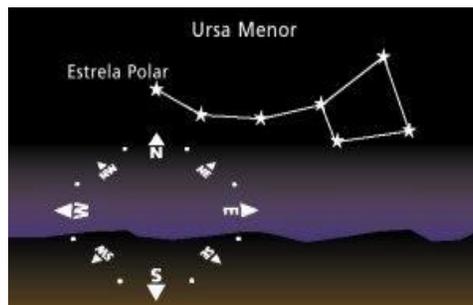
Foi graças a costumes como a arte ancestral de construção que se chegou ao uso atual da palavra “orientação”. Entendemos bem quando alguém nos diz “se oriente”, ou pergunta “qual é a orientação que você vai seguir”? Orientação significa ter um direcionamento seguro. Mas nunca deixou de indicar, também, o lado do sol nascente.

## **POR QUE O CRUZEIRO DO SUL?**

Estamos tão acostumados a viajar de ônibus, de carro, ou de avião para longas distâncias, que perdemos de vista o seguinte fato: há pouco mais de 120 anos atrás as viagens eram feitas a pé, ou a cavalo e carroças. E alguns

séculos atrás não havia muitas estradas, os viajantes de fato precisavam se orientar - quer dizer, observar o nascimento do sol - e conhecer as constelações para confirmar, à noite, a direção de sua viagem.

**Ilustração 3 - Estrela Polar - indica a direção do Pólo Norte**



**Fonte:** Dilão ([20--]).

Acontece que no hemisfério norte pode-se avistar uma estrela chamada Estrela Polar, na constelação da Ursa Menor, que está bem alinhada com o eixo de rotação da Terra. Desse modo ela parece fixa, e sempre marca onde fica o norte. A constância da Estrela polar entrou para a linguagem comum, e o substantivo “norte” passou a indicar não só o ponto cardeal, a direção geográfica, mas também adquiriu o significado de “rumo”, “direção”, “guia” em geral. Quando perguntamos a alguém “qual é o teu norte?” a pessoa vai responder qual é a referência que está seguindo.

**Ilustração 4 - Solstício de Inverno**



**Fonte:** Ciência Online (2017).

Porém, aqui no hemisfério sul nós não avistamos essa estrela. Aqui não há como nós nos “nortearmos”! Temos, no entanto, a constelação do Cruzeiro, que circula em torno do sul. O eixo maior do Cruzeiro sempre indica a direção sul. E o eixo menor sempre aponta para as duas estrelas mais brilhantes da constelação do Centauro (sendo que a mais brilhante é justamente Alfa Centauri, a estrela mais próxima do Sol).

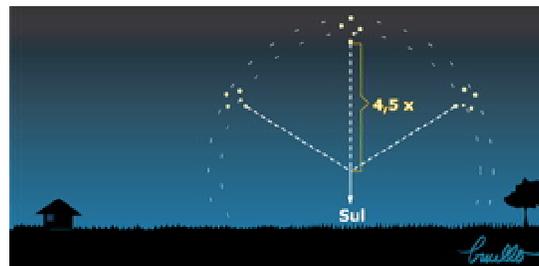
### Ilustração 5 - Cruzeiro do Sul



Fonte: Borges (2020).

Os navegantes usam o Cruzeiro do Sul para se orientarem. Os povos antigos das Américas sempre observaram essa constelação (com outros nomes) e a usaram como referência. Basta medir 4,5 vezes o tamanho do eixo maior do Cruzeiro do Sul para localizarmos onde fica a direção sul.

### Ilustração 6 - Orientação pelo Cruzeiro do Sul



Fonte: Maria Ramos (2006).

Na verdade, aqui no Sul, quando olhamos para o norte ficamos desnorteados. Aqui no hemisfério sul nós não nos “nortearmos” mas nós nos “suleamos”. Parece jogo de palavras, mas o caso é sério.

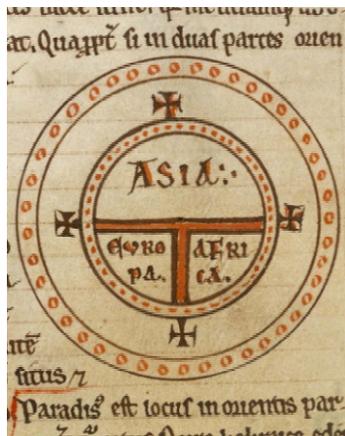
## A CONVENÇÃO DE NORTEAR OS MAPAS

Nosso planeta é esférico, como uma bola. Gira em torno de um eixo (movimento de rotação) e roda em torno do Sol (movimento de translação). A translação ocorre sempre numa mesma órbita, num mesmo plano em relação ao Sol, e o eixo da Terra se mantém sempre numa inclinação de mais ou menos 23,5° em relação ao plano da órbita.

Mas esse sistema não tem “cima” e “baixo”, ele pode ser visto em várias perspectivas. É por mera convenção que nós nos acostumamos a representar a translação com a órbita terrestre na horizontal, e com o polo norte em cima, ficando o polo sul em baixo. O mesmo vale para todos os mapas. Porém essa convenção não nasceu por acaso: ela atendeu a preferências que se tornaram interesses e depois modelos opressivos.

Vem dos antigos gregos o costume de desenhar os mapas com o norte em cima, como foi consagrado pelo astrônomo Claudio Ptolomeu (90-168 dC) no seu livro denominado “Almagesto”. Mas existem mapas posteriores que colocam a Ásia em cima, como o que se encontra no livro “Etimologias” do bispo Isidoro de Sevilha (560-636). Às vezes isso era feito por respeito à cidade sagrada de Jerusalém, colocada no centro do mapa. Os árabes também desenharam mapas colocando Meca e Damasco no centro, China e Índia em cima, África e Europa em baixo. O que ficava em cima era o Oriente.

**Ilustração 7 - Mapa T e O**



Fonte: Mapa... (2021).

Entretanto, com as grandes navegações e o uso da bússola (cujo ponteiro sempre indica o norte), os europeus se acostumaram a colocar, no alto dos mapas, o lado norte e seus próprios países.

### **ESTAMOS REPETINDO - SEM PERCEBER - COISAS DE COLONIZADORES**

Como sabemos, os europeus invadiram nosso continente e outras regiões da África, da Ásia e da Oceania. Aqui no Brasil ainda chamamos esse processo violento com o falso e hipócrita nome de “Descobrimento”. Falso porque só tem valor para eles, os europeus, deixando de lado os povos e culturas ancestrais de nossa terra que aqui estavam há dezenas de milhares de anos. Hipócrita porque encobre o verdadeiro genocídio cometido pelos europeus contra os habitantes locais. O domínio militar e a exploração dos continentes mais ao sul só confirmaram o “eurocentrismo”. E as palavras “norte” e “sul”, além de indicadores geográficos, passaram a ser categorias culturais, econômicas e políticas.

#### **Ilustração 8 - Charge - crítica ao início do colonialismo português no Brasil Colonial**



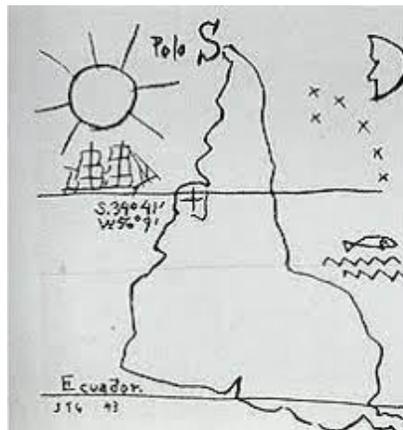
**Fonte:** Carício ([202-]).

As categorias dos colonizadores europeus foram introjetadas em nossa formação e nosso pensamento. Eles desejam que tudo seja uniformizado conforme os seus próprios modelos. Eles não deixam espaço para toda a diversidade humana e cultural do sul, abafada ou destruída pela colonização do norte. Infelizmente ainda conservamos muitos desses valores do norte que desconhecem o valor das coisas do sul. Nossas mentes ainda se acham

colonizadas. Para poder reconhecer tudo isso é que precisamos sulear nossa compreensão do mundo e da diversidade das culturas.

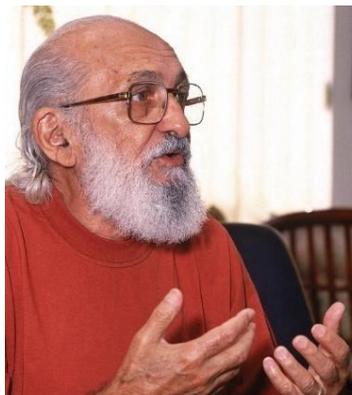
Pelo que sabemos, o primeiro latino-americano com formação europeia que contestou o costume eurocêntrico com os mapas foi o artista uruguaio Joaquim Torres Garcia (1874-1949). Aí ao lado está o mapa que ele desenhou em 1943. Não sei se ele teve contato com o pessoal brasileiro da Semana de Arte Moderna de 1922. Mas sua ideia tem afinidades com o Manifesto Antropofágico do nosso Oswald de Andrade, lançado em 1928. Oswald mostra que o melhor de nossa História brasileira é o tempo em que as culturas ancestrais viviam livres, antes da invasão portuguesa.

### Ilustração 9 - América Invertida



Fonte: América ... (2021).

Essa ideia de reorientar os mapas foi retomada, em 1991, pelo professor de Física da Unicamp, Marcio D'Olne Campos, o qual usou então o verbo sulear. Ele discutiu o assunto com o educador Paulo Freire. Acontece que Paulo Freire havia trabalhado com o povo de sua terra, em Pernambuco, e também em Guiné-Bissau e em Moçambique. Ele já andava suleando por conta própria, além de dar aulas em Harvard e assessorar o Conselho Mundial de Igrejas.

**Ilustração 10 - Paulo Freire**

Fonte: UPF (2017).

No livro “Pedagogia da Esperança”, de 1992, Paulo Freire divulgou a metáfora do sulear e o seu programa: abrir espaço para as culturas de nossa terra, muito antigas, guardiãs de conhecimentos essenciais, que sabem acolher a diversidade e a boa convivência com outras culturas

Sulear quer dizer muita coisa. Temos muita coisa a aprender, aos poucos. Inclusive a desmontar a colonização de nossos costumes, de nosso pensamento. Sem sulear, nós perdemos nossas referências essenciais, o lugar de fala e as imensas riquezas dos povos mais antigos de nossa terra.

Tivemos, na Semana da Consciência Negra e da Diversidade, muitas lições de decolonização. E precisamos em seguida estudar algumas de suas consequências.

TAREFA DE CASA: Todos os eventos realizados na Semana da Consciência Negra e Diversidade estão disponíveis no site do nosso campus. A tarefa é escrever um pequeno relatório sobre qualquer um desses eventos. O relatório deve conter uma descrição (informações sobre o evento), um resumo das principais ideias lá apresentadas (ao menos três ideias importantes) e sua opinião pessoal a respeito do assunto (o que você mesma(o) pensa sobre isso). Você pode bem aproveitar, em parte, algum trabalho semelhante realizado para outra disciplina.

## **A SEGUNDA AULA**

O texto da segunda aula começou com um resumo dos principais assuntos e conceitos focalizados na primeira aula, sempre partindo da canção de Gilberto Gil.

Logo mencionei que continuamos a aprender, na escola, a nos orientar erguendo o braço direito para o lado em que o sol nasce. Isso nos deixa de frente para o norte, dando as costas para o sul, o que não serve para nada. É um exemplo de repetição inútil e ideológica, que precisamos mudar.

E em seguida procurei mostrar algumas consequências do colonialismo e da decolonialidade. Muitos pensadores têm avançado na ampliação e transformação da noção de sulear. Por exemplo, o português Boaventura Souza Santos (2009), confirma essa necessidade: nos novos tempos em que a humanidade se encontra, temos que aprender com as tradições “vindas do sul”. Ou seja, dos pobres, dos povos que habitam lugares remotos onde se guarda a sabedoria do “viver bem” no seio da Natureza, da Pachamama. Outro exemplo são as fotos maravilhosas de Sebastião Salgado (2009). Ou a obra, ainda jovem, do Emicida (2020). E por aí vai, com milhares de artistas, escritores, pessoas e grupos que estão tecendo o tapete plural dos suleadores. A tendência mais geral parece se centrar na noção de decolonialidade.

## **DECOLONIALIDADE**

Percebendo com mais clareza as destruições e o silenciamento que sofremos durante séculos, foi crescendo, nas culturas do sul, a resistência contra a colonização. Porque além de imporem sua pretensa hegemonia, os conquistadores impuseram sua visão-de-mundo, seus valores. Eles nos trouxeram, ao lado da sua ciência e da sua arte, um entulho asfixiante de preconceitos estruturais como o racismo (o branco é superior), o individualismo (falta de reciprocidade), o mecanicismo (os seres vivos, o mundo e a sociedade são máquinas), o eurocentrismo (nós, do sul somos dependentes), etc. Tudo isso misturado com a rapinagem econômica crua.

Esse domínio cultural, do qual é difícil nos darmos conta, chama-se “colonialidade”. E a resistência contra tudo isso tomou forma no amplo movimento da Decolonialidade. Trata-se da atitude de valorizar de uma maneira nova os povos ancestrais (veja-se o projeto, apenas iniciado, de abrir milhares de “centros de cultura” pelo Brasil afora), apoiar suas expressões, aprender com eles. E assim ir entendendo as coisas numa nova perspectiva, capaz de desmontar narrativas que distorcem a história, marginalizam a realidade vivida pelo povo, e escondem fatos e personalidades decisivas (GASPARETTO, 2021).

Esse movimento tem muitos precursores, mas adquiriu corpo e começou a produzir centenas de livros e artigos, em vários lugares, a partir da década de 1950.

Um dos exemplos mais claros é recuperar a memória do protagonismo das mulheres em nossa História. Seja valorizando o esquecido cuidar do dia-a-dia da casa, cuidar das crianças e dos idosos, que é um trabalho imprescindível para o bem-estar de todos e, como mostra Patricia Federici (2017), para a própria constituição do capitalismo. Seja trazendo à tona a atuação de mulheres exemplares, sobretudo negras.

Decolonialidade é libertar-se da lógica de um único mundo possível, a lógica da modernidade capitalista, e descobrir a pluralidade de vozes maravilhosas e caminhos de vida saudáveis. É se dar conta, enfim, que a Europa só conseguiu se desenvolver graças às riquezas extraídas à força de nossos territórios, e ao trabalho forçado de índios, negros, mulatos. São as terras e os povos do Sul que deram poder ao Norte. Com isso a pretensa hegemonia do Norte vira de cabeça para baixo. Porque boa parte de sua base não é interna, não é própria, mas é a energia vinda do Sul.

Olhando agora para o desafio ambiental, acima focalizado, não restam dúvidas de que ele foi criado pelo estilo de vida ocidental, individualista, hoje mantido pela sua mera repetição, confusa e incoerente. O modo como ocorreu a industrialização ocidental - fonte do desequilíbrio ecológico - se chama capitalismo, hoje desenvolvido no neoliberalismo. Não é esse modelo que pode construir uma saída sustentável para o impasse que ele mesmo criou. Não há saída a não ser aprender um estilo de vida diferente, a partir de outras sementes (modelos mentais), no ritmo paulatino e tenaz que é o dos seres naturais.

É claro que temos ótimos exemplos do que é um estilo de vida mais simples e orgânico nas culturas ancestrais do sul. Se queremos viver bem, temos que prestar atenção ao que podemos aprender com os indígenas, os quilombolas, os movimentos populares, essas culturas ainda chamadas de “primitivas” por grupos ignorantes. Mas a vida livre e autônoma dos povos dessas culturas é o mais importante patrimônio atual do Brasil.

## **JUNTAR O SUL E O NORTE**

Não se trata de rejeitar as artes, ciências e técnicas desenvolvidas nos países do Norte. Não é preciso deixar nada de lado, a não ser o que faz mal à vida, como a mentalidade excludente que não aceita as diferenças, a indústria bélica privilegiada em lugar da educação e do saneamento, o engano de produzir e consumir luxos inúteis e, por isso mesmo, criminosos diante da miséria da maior parte da humanidade.

Redescobrir, valorizar e desenvolver tudo que ficou, aqui em nossas terras, empobrecido, diminuído, esquecido, é o que está sendo realizado por milhares de cientistas e agentes culturais que estudam e desenvolvem os conhecimentos ancestrais, destilando novos medicamentos, reconhecendo novas espécies de seres vivos, e trabalhando para divulgar a visão-de-mundo desses povos.

Escutemos mais uma vez a canção do mestre Gilberto Gil. A gravação, anteriormente, indicada revela um momento em que era ele com seu violão e seu jeito simples, contando com o apoio de uma orquestra europeia, tocando num teatro de arquitetura europeia. Ali se juntou, de maneira exemplar, o “norte” e o “sul” para transmitir uma mensagem firme das culturas do sul. “Se oriente”, canta Gil, vá conhecer o outro lado das coisas e também vá fazer sua pós-graduação. Amplie seus horizontes, olhe para longe, o planeta todo em todos os seus giros. Vê se compreende.

Para compreender, é claro que precisamos conversar muito, ninguém compreende sozinho, é sempre juntos que podemos aprender e compreender.

## ALGUMAS TRILHAS A SEGUIR

Estamos no meio da travessia. Mesmo quando arrefecerem as piores ameaças - e a trágica mortalidade - desta pandemia, o tempo para amadurecer a consciência de seus efeitos planetários não será curto. Sua potência já abalou alguns esteios do mundo anterior. Por isso afirmo, acima, que o “normal” de dois anos atrás não irá voltar. Ele vai se desfazendo ao choque das implicações dos atuais acontecimentos.

Compartilhei aqui alguns tópicos que me parecem essenciais para tecermos alguma compreensão abrangente. Ouso juntar-me às vozes de inúmeros colegas e concidadãos deste tempo momentoso, os quais erguem reflexões mais sólidas. Trata-se de um coral imenso que sobrevive na interconexão de pequenos ou grandes grupos. Então, este depoimento se encerra reiterando alguns convites.

Há muito a aprender com a noção de UBUNTU, originária das culturas do sul da África, notadamente das línguas bantu. Ela constitui um chão imenso e fertilíssimo. Por exemplo, é consonante com a noção tupi-guarani de MOTYRÕ, fonte de nossa palavra “mutirão”. Aqui temos um fundamento real para as mudanças necessárias.

Mas já se começa a usá-lo de modo desvirtuado, até mesmo no âmbito empresarial capitalista. Por exemplo, a tradução “Eu sou porque nós somos” é uma típica apropriação ocidental que precisa ser reposicionada. Pois ela começa pela afirmação de um “eu” incoerente com a tradição ancestral onde há, desde sempre, desde o “início”, o nós. E o “nós” não consiste numa “harmonia” de consensos, mas sempre um conjunto diversificado de muitas vozes às vezes díspares. Entretanto, a variedade e mesmo o conflito sempre se assumem como pertencimento ao povo. Como indicação de uma primeira abordagem, remeto ao artigo de Luis Augusto Ferreira Saraiva (2019).

Para começar a rever nossa noção do que é a Natureza, podemos nos aproximar da noção de PACHAMAMA. É um dos nomes, em língua quéchua, da ampla visão-de-mundo desenvolvida pelas culturas ancestrais próximas à Cordilheira dos Andes. Como a noção de Ubuntu, Pachamama não é apenas um conceito, mas também um sentimento e um “espírito”.

Aqui vigora uma visceral conexão entre o que nós ocidentais chamamos de ciência e o estilo de vida guiado por sabedorias seculares. E aqui, por exemplo, se consolida todo um movimento no campo das ciências Jurídicas, incluindo os direitos da natureza, e de todos os seres vivos, entre os estatutos nacionais e internacionais. Pachamama consta no início das Constituições do Equador e da Bolívia, por iniciativa dos povos antigos dessas regiões (ZAFFARONI, 2017, p. 85-90). E possivelmente será incluída na Constituição do Chile, atualmente em reelaboração.

A concepção renascentista europeia de que o ser humano é um “senhor” que pode dominar a Natureza como se ela fosse um objeto, nos conduziu a abusar dos recursos naturais sem observar que estávamos destruindo nossa própria condição de sobrevivência. Libertar-nos desse padrão significa tomar consciência de que assim como a Terra não está no centro do Universo, nem do sistema Solar (como se pensou durante séculos) assim também nós, humanos, não estamos no centro da vida da Terra. Por isso precisamos acordar do sono antropocêntrico e abrir os olhos para cultivar um novo tipo de relação saudável com a Natureza, vista como nossa raiz, nossa fonte nutridora e inspiradora. Ou como diziam os antigos: nossa Mãe (SCHEIBE, 2021).

Dentro de Pachamama vigora a noção d'o bem viver ou “viver pleno” / “*sumak kawsay*” (ZAFFARONI, 2017). O Bem Viver se revela em cinco faces: (1) sem sabedoria não há vida; (2) todos somos filhos de Pachamama; (3) a vida é saúde; (4) a vida é coletiva; (5) todos temos um ideal, um sonho de realização pessoal e comunitário. Nesses cinco aspectos vibram o senso de Consonância (rede de conexões inseparáveis), de Reciprocidade (radical solidariedade entre todos os seres naturais, como em Ubuntu e Motyrō), e de Complementaridade entre polaridades às vezes opostas, às vezes harmônicas (em certa semelhança com o pensamento de Heráclito de Éfeso, ou o princípio Yin-Yang chinês).

Para o pensamento andino a individualidade isolada simplesmente não existe, assim como não existe o comportamento massificado, pois cada ser é uno em sua identidade e é grupal em sua realização viva. Para introduzir esse tema é útil o pequeno livro do grande jurista argentino Eugenio Raul Zaffaroni (2017).

Busco - coisa que só se faz de modo compartilhado - afastar individualismos. É impressionante como a cultura ocidental se deixou guiar pela unilateralidade da visão individualista, genialmente postulada por autores como Thomas Hobbes. Ela expressou uma atitude hegemônica no Renascimento e plenamente afinada com o início do capitalismo, que ali encontrou seu lastro firme. Ela ainda amarra nosso pensamento. Porém se esboroa quando chegamos a uma saudável compreensão dos paradigmas científicos desenvolvidos nos últimos cem anos. Por exemplo no campo da ecologia. Uma boa introdução ao que seja o paradigma ecológico pode ser lida no texto do professor Alexandro Medeiros (2012), da Universidade Federal do Amazonas.

Busco afastar fragmentações e unilateralidades. Tudo o que foi sendo estendido na linguagem linear deste texto não consiste em ideias ou questões estanques, uma após a outra, ou uma ao lado da outra. Elas existem juntas e requerem o entendimento de suas articulações. Para isso precisamos frequentar o pensamento complexo (MORIN, 2000), ou a perspectiva das inteligências múltiplas, indispensável para apoiar aprendizados consistentes (ARMSTRONG, 1995).

Busco, portanto, afastar os resquícios do mecanicismo linear que ainda se manifesta em tantas expressões atuais. Ainda aceitamos ilustrações mostrando o cérebro como se fosse uma máquina. Ainda falamos em “ferramentas” de administração. Apesar de avanços significativos, como a superação do modelo biomédico nas conquistas do Sistema Único de Saúde, ainda restam bastiões que não aplicam adequadamente a noção de que os fatos biológicos e sociais requerem categorias e imagens bem diferentes daquelas a que fomos acostumados (MAYR, 2005).

Busco abrir nossa mentalidade para o que chamamos de sabedoria. Lembremos o grito de T. S. Eliot (1934), um dos mais potentes poetas do século XX: “Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento, onde está o conhecimento que perdemos na informação?” Embora o contexto fosse bem diferenciado, aquele brado profético ressoa até hoje e atinge nossa vida. Ele encontra eco quando lemos ou escutamos, por exemplo, Ailton Krenak (2019, 2020), Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015), ou Bell Hooks (2021). As vozes

dessas pessoas são como uma chuva capaz de desfazer a poeira espessa dos utilitarismos ou dos funcionalismos.

Tentei, neste ensaio, alinhar uma espécie de síntese rudimentar e esquemática do que vejo em nosso entorno, e à nossa frente. O que eu queria era desdobrar algo da poderosa atitude da reciprocidade (que em geral se acha toda dobradinha em nosso espírito). Isso é muito simples, quando estamos bem sintonizados, e faz parte do núcleo do esperar. Mas é bom reconhecer que nem sempre estamos em plena e sensível sintonia. Embora este seja apenas um tapete tosco, cheio de lacunas, compartilha elementos nos quais aposto de coração.

## REFERÊNCIAS

AMÉRICA Invertida. *In*: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [S.l.], 2021. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:Sobre\\_a\\_Wikip%C3%A9dia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:Sobre_a_Wikip%C3%A9dia). Acesso em: 15 dez. 2021.

ARMSTRONG, Thomas. **Inteligências múltiplas na sala de aula**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

BERNSTEIN, Jay Hillel. Transdisciplinarity: a review of its origins, development, and current issues. **Journal of Research Practice**, Athabasca, v. 11, Issue 1, p. 1-20, 2015. Disponível em: <http://jrp.icaap.org/index.php/jrp/article/view/510/436>. Acesso em: 15 dez. 2021.

BORBA, Jonathan. **[Sem título]**. 2020. 1 foto. Disponível em: <https://unsplash.com/photos/nDWkTnQPypc>. Acesso em: 05 jan. 2022.

BORGES, Dayane. **Constelação Cruzeiro do Sul**: formação, características e localização. [S.l.], 5 maio 2020. Disponível em: <https://conhecimentocientifico.com/constelacao-cruzeiro-do-sul/>. Acesso em: 18 jan. 2022.

BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

CAMPOS, Marcio D'Oliveira. **A arte de Sulear-se**. [Rio de Janeiro], 1991. Disponível em: <https://sulear.com.br/beta3/wp-content/uploads/2017/03/CAMPOS-M-D-A-Arte-de-Sulear-1-1991A.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2022.

CARÍCIO, Fabiane. **Colonialismo**. [S.l.], [20--]. Disponível em: <https://www.coladaweb.com/historia-do-brasil/colonialismo>. Acesso em: 10 jan. 2022.

CIÊNCIA ONLINE. **Estrela Polar mais próxima da terra do que se pensava**. [S.l.], 2017. Disponível em: <http://www.ciencia-online.net/2012/12/estrela-polar-mais-proxima-da-terra-do.html>. Acesso em: 10 jan. 2022.

COSTA, Claudio Fernandes da. Ubiratan D'Ambrosio e a decolonialidade na etnomatemática. (Entrevista) **Revista de Educação Matemática**, São Paulo, v. 18, ed. esp., p. 1-14, 2021. Disponível em: <https://www.revistasbemsp.com.br/index.php/REMat-SP/article/view/597/269>. Acesso em: 10 jan. 2022.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Transdisciplinaridade**. 2. ed. São Paulo: Palas Atenas, 2012.

DILÃO, Rui. A estrela Polar é a latitude. **Latitude e Longitude**, Lisboa, [20--]. Caderno Onde Estas? Disponível em: [https://www.cienciaviva.pt/equinocio/onde\\_estas/estrela\\_polar\\_e\\_latitude.asp](https://www.cienciaviva.pt/equinocio/onde_estas/estrela_polar_e_latitude.asp). Acesso em: 6 jan. 2022.

ELIOT, Thomas Stearns. **Os três primeiros “Coros da Rocha”**. Londres, 1934. Disponível em: <http://www.teatrodomundo.com.br/os-tres-primeiros-coros-da-rocha/>. Acesso em: 21 jan. 2022.

EMICIDA. São Paulo, 2020. Disponível em: <http://www.emicida.com.br/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

FAZENDA, Ivani. **O que é interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2013.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e a acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1992

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1996

FREITAS, Lima de; MORIN, Edgar; NICOLESCU, Besarab. **Carta da Transdisciplinaridade**. Disponível em: <http://cettrans.com.br/assets/docs/CARTA-DA-TRANSDISCIPLINARIDADE1.pdf>. Acesso em 15 de Janeiro de 2022.

GASPARETTO, Vera Fátima. O que é decolonização. *In*: SEMANA NACIONAL DE CONSCIÊNCIA NEGRA E DIVERSIDADE, 2021, Araraquara. Araraquara: Instituto Federal de São Paulo, 19 nov. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HQQjKsF4IDw>. Acesso em: 20 jan. 2022.

GATES, Bill. **The next outbreak? We're not ready.** [S.l.], mar. 2015. Disponível em: [https://www.ted.com/talks/bill\\_gates\\_the\\_next\\_outbreak\\_we\\_re\\_not\\_ready?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/bill_gates_the_next_outbreak_we_re_not_ready?language=pt-br). Acesso em: 10 jan. 2022.

GRECO, Dirceu. **Da teoria à prática da transdisciplinaridade: um ethos.** Belo Horizonte: Instituto de Estudos Avançados em Transdisciplinaridade/UFMG, 16 nov. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/QFDF944BR-8>. Acesso em: 15 dez. 2021.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas.** São Paulo: Elefante, 2021.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LICORY, Michelle. **Gilberto Gil fala sobre morte, suas musas, seus haters, sua posição sobre Lula e até sobre o “mito”.** São Paulo, 11 ago. 2018. Disponível em: <https://glamurama.uol.com.br/fale-conosco-2/>. Acesso em: 06 jan. 2022.

MAPA T e O. *In*: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [S.l.], 2021. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mapa\\_T\\_e\\_O](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mapa_T_e_O). Acesso em: 20 dez. 2021.

MARCHEZAN, Renata Coelho. Diálogo. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2006.

MARTEAU, Robert. Le retour des dieux. - *Hommage à René Char In Liberté*, v. 10, n. 4, p. 36-41, Jul./Aug. 1968. Disponível em: <https://id.erudit.org/iderudit/60304ac>. Acesso em: 18 out. 2021.

MAYR, Ernst. **Biologia, ciência única.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MEDEIROS, Alexandro Melo. O paradigma ecológico, a teoria da complexidade e a questão ambiental. *In*: FERREIRA, Gerson Andre Albuquerque; RODRIGUES, Renan Albuquerque (org.). **Amazônia: chaves múltiplas para a interpretação da realidade.** São Paulo: Scortecci, 2012.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

ORIENTE. Intérprete: Gilberto Gil. Compositor: Gilberto Passos Gil Moreira. *In*: **Concerto de Cordas e Máquinas de Ritmo**. Rio de Janeiro, mai. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q4UFG-XL3iU>. Acesso em: 28 nov. 2021.

OXFAM Brasil. **Publicações**. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/>. Acesso em: 15 dez. 2021.

RAMOS, Maria. **Aprenda a se orientar pelos astros!** Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=800&sid=3>. Acesso em: 10 jan. 2022.

RAWORTH, Kate. **Economia Donut: uma alternativa ao crescimento a qualquer custo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

SANTANA, Ana Lúcia. **Sebastião Salgado**. Florianópolis, [2009]. Disponível em: <https://www.infoescola.com/biografias/sebastiao-salgado/>. Acesso em: 15 dez. 2021.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009. p. 23-71. Disponível em: <https://www.iciet.fiocruz.br/sites/www.iciet.fiocruz.br/files/Epistemologias%20do%20Sul.pdf>. Acesso em: 18 out. 2021.

SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009. Disponível em: <https://www.iciet.fiocruz.br/sites/www.iciet.fiocruz.br/files/Epistemologias%20do%20Sul.pdf>. Acesso em: 18 out. 2021.

SARAIVA, Luís Augusto Ferreira. O que e quem não é Ubuntu: crítica ao “eu” dentro da filosofia Ubuntu. **Problemata: Revista Internacional de Filosofia**, João Pessoa, v. 10, n. 2, ed. esp., p. 93-110, 2019.

SCHEIBE, Luiz Fernando. **A água, a Pachamama e os humanos**. *In*: SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 18., 2021, São Paulo. São Paulo: Instituto Federal de São Paulo, 20 out. 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=zd-wCiQDPec>. Acesso em: 03 nov. 2021.

SINGER, Paul. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

TAKAHASHI, Akemi. Esperançar em tempos de pandemia: relato de uma professora da rede pública de Belo Horizonte. **Revista Ponte**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, fev. 2021. Disponível em: <https://www.revistaponte.org/post/esperan%C3%A7ar-em-tempos-de-pandemia-relato-de-uma-professora-da-rede-p%C3%BAblica-de-belo-horizonte>. Acesso em: 15 nov. 2021.

TOLENTINO, Luana. As escolas estão fechadas há mais de um ano: a culpa não é dos professores. **Carta Capital**, São Paulo, 23 abr. 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/as-escolas-estao-fechadas-ha-mais-de-um-ano-a-culpa-nao-e-dos-professores/>. Acesso em: 18 nov. 2021.

UPF. **Acesse o acervo digital de Paulo Freire gratuitamente**. Passo Fundo, 27 mar. 2017. Disponível em: <https://www.upf.br/biblioteca/noticia/acesse-o-acervo-digital-de-paulo-freire-gratuitamente>. Acesso em: 3 nov. 2021.

ZAFFARONI, Eugenio Raúl. **A Pachamama e o ser humano**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2017.